



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FRANCISCO CAMARGO NETTO (2)

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-418

Entrevistado: Francisco Camargo Netto

Nascimento: 17/04/1938

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz e Suélen de Souza Andres

Data da entrevista: 15/05/2014

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Total de gravação: 1 hora 06 minutos e 14 segundos

Páginas Digitadas:

Observações:

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

Sumário

Formação e início no esporte; Preparador físico da Seleção Brasileira de Handebol de Salão; Fundação da Federação Gaúcha de Handebol; Colonização Alemã; A prática do Handebol; Participação do Brasil e do Rio Grande do Sul em Campeonatos de Handebol; O papel da Confederação Brasileira de Handebol e da Federação Brasileira de Handebol no cenário do Handebol feminino; O objetivo na criação da Federação Gaúcha de Handebol; Projetos de visibilidade da Federação Gaúcha de Handebol; O Handebol como esporte escolar; Escolas que iniciaram a prática do Handebol; Presença do público em campeonatos de Handebol; Como o Handebol era jogado aqui no Rio Grande do Sul; Curso de Handebol no Instituto de Educação Flores da Cunha.

Porto Alegre, 15 de maio de 2014. Entrevista com Francisco Camargo Netto a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz e Suélen de Souza Andres para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J. K. – Bom dia senhor Francisco!

F. N. – Bom dia!

J. K. – Gostaria que o senhor iniciasse contanto um pouco da sua formação, como o senhor iniciou no esporte.

F. N. – Bem, a minha formação profissional foi na USP¹, eu me formei lá na graduação em Educação Física, fiz três especializações, Futebol, Handebol, e Ataque e Defesa. Então eu sou técnico diplomado pela USP nessas áreas. Em 1960 precisava de um professor para ministrar aulas em um curso em Porto Alegre, um curso de... Que eles chamavam de atualizações de professores onde juntavam os professores titulados, quer dizer graduados, e os leigos, então, em julho de 1960 eu vim para introduzir o Handebol no Rio Grande do Sul. Bom, foram quinze dias de atividades e tinha mais ou menos umas quatrocentas pessoas no curso, essas pessoas vinham aqui da capital e do interior. E o Handebol aqui na ESEF², onde eu também dei algumas atividades referentes, antes de ser professor. Nós trabalhávamos tanto com as meninas como com os rapazes, então, nós procuramos envolver o Handebol tentando mostrar mais um caminho, porque na época era o Vôlei e o Basquete. E o Vôlei ainda tinha um detalhezinho importante, porque era esporte de mulher, homem não jogava! No interior aqui do Rio Grande do Sul se dizia: “Não, não, isso aí é jogo de mulher!” Então, para vocês entenderem alguma coisa dessa mecânica. E o Handebol veio para ficar, como eu digo, mas teve algumas resistências. O pessoal do Basquete achava que estava deturpando o Basquete, quando na realidade não é nada disso. O Handebol estava ajudando o Basquete, só que é claro, como o Handebol permitia algumas movimentações diferentes, os três passos tocar a bola no chão mais três passos, quer dizer, isso criava alguns contrapontos com relação ao Basquete, porque o Basquete não pode caminhar, então, teve essas nuances no início, que não prejudicaram, mas foram

¹ Universidade de São Paulo

² Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

premissas levantadas pelo pessoal que gostava do Basquete. Bem, e a minha formação então, foi assim: primeiro eu me formei em Educação Física, fiz a especialização em Handebol, e vim pelo MEC³ dar esse curso, e aqui depois desse curso, antes de ir embora eu recebi uma proposta de vir trabalhar no Rio Grande do Sul. Me perguntaram se eu não teria interesse, e eu disse que sim; que se houvesse a oportunidade, e fosse favorável financeiramente também, eu viria, um ano depois... é um ano depois, eu voltei para o Rio Grande do Sul, então, no dia dezesseis de agosto de 1961 eu vim para o Rio Grande do Sul trabalhar na Secretaria de Educação indo para algumas escolas, trabalhando com o Handebol e posteriormente me fixei aqui na Faculdade de Educação Física, isso foi em dezembro de 1963. Bem, aqui na Escola⁴ eu tive uma formação, um tipo de trabalho diferente, como eu era novo na Escola eu era o “corinho”. Então, o primeiro... Além de trabalhar com Ginástica e Handebol, havia uma situação interessante, tinha alguns professores que já estavam saindo, e um dos professores que saiu dava Biometria, era um médico que hoje é Medidas de Avaliação, e ele me disse: “Bom Camargo, vai estudar e vai dar Biometria”. E eu dei Biometria! Depois eu passei por outras disciplinas também, eu posso relatar as disciplinas que eu passei para vocês terem uma ideia da minha carreira aqui dentro da ESEF. Então, assim: Ginástica, Biometria, Futebol de Salão na época, não era Futsal ainda, auxiliava a professora Olga Kroeff⁵ no Voleibol. Dei aula de Voleibol, depois eu passei para outros tipos de atividades, dei Cinesiologia, dei aula de Metodologia do Ensino, de Didática da Educação Física, Supervisão de Estágio, quer dizer, eu passei por várias atividades além do próprio Handebol que foi interessante porque, muito embora eu tivesse também trazido para a ESEF o Handebol, eu fiquei fora da disciplina. Outros professores estavam trabalhando, mas foi bom, porque daí diversificou um pouco mais, outra forma de entender o Handebol, outra forma de desenvolver a atividade, então, passei por uma experiência muito boa, rica aqui na ESEF. Depois fui Chefe do Departamento duas vezes, e fui Coordenador da Pós-Graduação. Como é que cheguei até a Pós-Graduação? Na época de 1960 havia ainda uma legislação que permitia que quem tivesse um número “x” de anos durante uma disciplina, poderia fazer o concurso para Livre Docente. Aí eu me apresentei e fui aprovado, então, eu sou Livre Docente em Ginástica e Doutor em Ciências. Que praticamente não tem nada haver com Handebol, mas são coisas assim da vida acadêmica, que a gente tem que seguir. Bem, com o título de Doutor, eu

³ Ministério de Educação e Cultura.

⁴ Referência a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

passei depois em 1970, 1969, não!... 1989? É em 1989 eu me candidatei a uma Pós-Graduação, mas nessa Pós-Graduação eu fui trabalhar em outra área que era praticamente nova no Rio Grande do Sul, nova no Brasil, em termos de ênfase, que era a área de Educação Especial. Então, eu passei dois anos em Portugal trabalhando nessa área, fazendo Pós-Graduação nessa área. Voltei, e fizemos algumas atividades aqui, trouxemos alguns palestrantes, fizemos alguns cursos na área e como se diz, procuramos colocar para a comunidade da Educação Física a sua oportunidade de ver o novo foco, da Educação Especial, muito embora aqui no Rio Grande do Sul nós tínhamos o Bagatini⁶, tinha a professora Jane Gonzales⁷, tinha uma porção de pessoas que trabalhavam efetivamente com a Educação Especial. E eu era um intruso [riso], porque entendia que deveria ser feito alguma coisa nessa área também. Então, essa foi a minha carreira aqui, meu começo e minha continuidade. A última disciplina que eu trabalhei aqui na ESEF foi Futebol, perdão, foi Futebol e Futsal; futsal eu assumi quando faleceu o professor... O apelido dele era Barata⁸, era um professor ótimo, competente, trabalhava também em Caxias do Sul, e sofreu um acidente, então, quando ele faleceu eu assumi a disciplina e continuei dando Futebol de Campo até a minha saída. E eu saí no ano 2000... 2002, e por aí foi a minha carreira, não sei se vocês tem mais alguma pergunta dentro desse setor?

J. K. – Eu gostaria de saber, na época que o senhor veio para cá, que deu a disciplina de Handebol, o senhor chegou a ser técnico de algum clube?

F. N. – Não! Eu era técnico dos alunos da ESEF...

J. K. – Só da ESEF!

F. N. – Dá ESEF, porque era assim, estava tudo começando, então nós formávamos a equipe, inclusive de ex-professores que trabalhando aqui, tanto masculino como feminino, e saíamos a visitar cidades do interior, e como era conhecido por causa daquele curso, “quem sabe trás uma equipe para cá”, então, a gente alugava um ônibus ou ia pegar um ônibus de linha para ir em diferentes cidades para mostrar. Guaíba praticamente era o

⁵ Olga Valério Kroeff Echart.

⁶ Vilson Fermino Bagatini.

⁷ Jane da Silva Gonzales.

⁸ Alexandre Zilles.

principal, mas tinha também Santa Maria, que foi depois um foco bastante grande do Handebol.

J. K. – E na época que o senhor foi preparador físico da Seleção Brasileira de Handebol de Salão, como isso ocorreu, como foi essa época?

F. N. – É assim: Na cidade de São Paulo, na USP, nós tínhamos na área do Futebol e Handebol; nós tínhamos dois professores e mais um professor convidado, o professor Alemão ⁹, e eu estava fazendo exatamente o curso de Especialização em Handebol, na realidade eu era o único aluno. Então essas coisas, assim, que acontecem também. O Professor Jamil André, responsável pela área do Handebol, e também como os outros professores, o Alemão não podia pegar, e o outro professor titular do Futebol não queria pegar o Handebol. O professor Jamil André ficou responsável como, o técnico da Seleção Brasileira de Handebol e como eu era aluno dele [riso], eu passei a ser o preparador físico da Seleção Brasileira de Handebol, quer dizer, que são coisas assim que a oportunidade que surge na vida da gente, a gente pega e vai fazer um bom trabalho, como nós fizemos com essa Seleção que foi participar dos Jogos Lusos Brasileiros em Portugal. Eu não fui, quer dizer, eu só trabalhei em São Paulo.

J. K. – Sim! E o senhor saberia dizer como ocorreu a fundação da Federação Gaúcha de Handebol? Se houve algum clube que ajudou na fundação? Quantos times ou equipes havia naquela época?

F. N. – Bom, o responsável maior, foi o professor Benno Becker Júnior, que foi professor aqui também da ESEF e o irmão dele médico já falecido, o doutor Sérgio Becker e eu. Nós três nos sentamos, como estamos aqui e dissemos: “Vamos fazer? Vamos!” E daí o Benno: “Eu tenho acesso no Clube Israelita”. Lá tinha a Sede Campestre, no Bom Fim aqui e o da Protásio Alves. O professor Benno trabalhava com esses clubes, conversou com o presidente, o presidente concordou e então se fundou os três clubes. Se tu me perguntar o ano, eu não nem lembro. [riso]

J. K. – Tudo bem, não tem problema. [riso]

F. N. – E então, foi criado, vamos dizer assim, o primeiro empurrão; foi criado o primeiro empurrão para que as coisas começassem a acontecer de forma mais efetiva. Então nós três fomos os responsáveis por isso, e depois as coisas começaram a andar, porque em Novo Hamburgo tinha um bom grupo, Santa Maria tinha um bom grupo, em São Leopoldo também, quer dizer, foi crescendo, Santa Cruz também. Santa Cruz também teve uma força muito grande nessa área porque também era uma escola nova de Faculdade de Educação Física, lá perto de Cachoeira do Sul, então, houve assim, uma preocupação e depois tinha também os Jogos Universitários Brasileiros que começou também a incluir o Handebol, mas nós tínhamos nossos jogos aqui... E quero destacar também o IPA¹⁰, o IPA tinha uma equipe muito forte, era uma guerra [riso] entre o IPA e a ESEF porque eram as únicas escolas da cidade. E Santa Maria e Santa Cruz entraram como terceira força, mas foi bem interessante, porque os jogos eram sensacionais, as disputas eram acirradas entre os grupos, brigas, não tinha marcação na quadra; tivemos que marcar a quadra com esparadrapo, quer dizer, era uma série de coisas que foram improvisadas, mas que foram muito produtivas foi muito empolgante.

S. A. – O senhor falou que em 1960 o senhor veio fazer um curso de Handebol aqui...

F. N. – Em 1960!

S. A. – Em São Paulo a gente sabe que o Handebol... Pelo menos o que a gente tem lido nos livros, o Handebol chega a partir de imigrantes alemães em São Paulo, e a partir desses imigrantes é que começa se disseminar a prática do Handebol...

F. N. – Isso!

S. A. – Chegando aqui no Rio Grande do Sul para dar esse curso, a gente tem Santa Cruz, tem... Eles são descendentes de imigrantes alemães, aqui nas redondezas de Porto Alegre tem Estrela, Lajeado, cidades que já tinham algum indício de alguma prática de handebol, ou quando o senhor chegou era uma coisa totalmente nova?

⁹ Nome sujeito a confirmação.

¹⁰ IPA – Centro Universitário Metodista.

F. N. – Eu posso dizer o seguinte, para o bem da verdade... Antes de eu chegar aqui na primeira vez para dar um curso formal, estive aqui o professor Júlio Mazzei, mas eu não sei exatamente se foi no interior, se ele veio apenas para um curso curto, e que ele já falava de Handebol, agora eu não sei, porque nessa época eu não estava no Sul, eu estava em São Paulo, e o Júlio Mazzei era um professor coordenador de esportes do interior. Então, eu soube, porque a gente começa a olhar, mas não tem assim, nada concreto que eu posso dizer para vocês: “Olha em tal lugar que vocês vão encontrar”. Mas sei que o professor Júlio Mazzei fez alguma coisa. Com relação à prática nas cidades de origem alemã, eu não soube nada, só soube depois que nós tivemos aqui, as coisas começaram a andar de forma a se organizar. Agora é interessante que não foi só a onde tinha a comunidade alemã, teve em Caxias do Sul, que é italiana, é uma base praticamente italiana; teve em Novo Hamburgo que tem alemão, tem São Leopoldo que tem alemão, tem Santa Maria que é uma mistura, porque na época ainda a Universidade Federal de Santa Maria estava recém criada, com muitas ideias e poucas consistências práticas para as limitações do serviço público, mas foi bem interessante porque depois se conseguiu disseminar o handebol. E até eu posso dizer para vocês que em 1969, nós saímos com duas equipes do Rio Grande do Sul, uma feminina e uma masculina de handebol de estudantes e fomos para os jogos de estudantes lá em Brasília; trinta e poucas horas de ônibus, alunos do Julinho¹¹ e alunos do Anchieta¹² e garotas do Julinho e garotas do Anchieta e de alguns colégios públicos, foi uma experiência interessante. Porque praticamente a gente não tinha quase nada e, de repente, apareceu uma oportunidade e recebeu os recursos para ir e foi muito bom, foi bem interessante. Nessa viagem foi o professor Benno e eu, mais o professor Arnold Alpe¹³ que nos acompanhou também. Então é assim, quer dizer, foi muito... Teve muita coisa de improviso, muita coisa criada pelo governo da época porque sempre que foi possível a gente aproveitou para divulgar, para levar a gurizada para participar, porque sair do Rio Grande do Sul, para ir a Brasília, trinta e poucas horas de ônibus [riso] não é para qualquer um.

¹¹ Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

¹² Colégio Anchieta,

¹³ Nome sujeito a confirmação.

S. A. – E só mais uma coisa; Quando o senhor falou que o Vôlei era visto como um esporte para as mulheres praticarem, o Handebol, assim, ele sempre teve essa tanto mulheres quando homens podem praticar sem nenhum problema, ou teve alguma resistência?

F. N. – Não! Que eu tenha percebido não. Vou colocar dessa forma, o Voleibol... Tem algumas coisas aqui no Rio Grande do Sul, do machismo... Antes de falar do Voleibol, deixa eu falar da Ginástica. Já imaginou um professor jovem, calça justinha, sapatilha, blusinha justinha bem como manda o figurino, dando aula em Bagé em cima de um pedestal de Ginástica Balanceada, Ginástica Rítmica sobre o tema de Lara? Então fica uma situação assim, difícil, claro. Esse professor deve jogar no outro time, mas felizmente nunca houve nada contra. E quando chegamos a Bagé, inclusive, para jogar Futsal com excursões aqui da Escola, quando se falava em disputar Voleibol diziam: “Não! Isso é de mulher, homem não joga”. Então, essas afirmações a gente ouvia naquela época, e hoje se sabe que é diferente e no Handebol não houve nenhuma restrição assim. Havia uma preocupação, principalmente, no que diz respeito a goleira, por causa da bolada no peito, havia uma restrição quanto a isso. Mas a própria regra do Handebol ela era preventiva de algumas coisas, barreira na frente, não pode atirar a bola contra a barreira, quem atira a bola contra a barreira é punido porque a pessoa está completamente aberta para receber, ou para impedir a visão do gol. A goleira... Não é de boa índole atirar a bola contra a goleira, de boa índole é atirar a bola picada no chão, atirar a bola nos cantos, para que o goleiro use as pernas para defender. Mas de vez em quando, claro, que surge uma bolada, mas que isso só... Até falavam em colocar uma proteção melhor, mas nunca se levou muito adiante esse aspecto de proteção, mas sempre se colocou que a própria regra impediria que houvesse um acidente maior. Mas, claro, bolada na cabeça, o cara cair sentado, desmaiar, ocorria... Não com alguma frequência, mas às vezes...

J. K. – O Handebol como sendo um esporte Olímpico... Como o senhor vê a participação do Brasil tanto masculino, como feminino e do Rio Grande do Sul nos campeonatos?

F. N. – Bem, praticamente se a gente for analisar o Handebol como um esporte Olímpico a gente percebe que o Rio Grande do Sul tem uma participação muito grande porque o Celso

Giacomini¹⁴, parece que é o nome dele, é um professor que comandou bastante tempo. Teve um outro professor lá que... O Pedro Lang¹⁵ que tem até uma piscina lá na... O professor Pedro Lang foi meu aluno duas vezes; foi meu aluno na Escola Agrícola e foi meu aluno aqui na ESEF, e também comandava o Handebol. O Pedro Lang primeiro e o Celso depois. Então eles formaram um núcleo muito forte lá em Santa Maria, e as equipes eram fortes, os jogadores de boa qualidade e, claro, alguns foram convocados para a Seleção Brasileira. Agora não se pode deixar de lado que tem São Paulo, tem Rio de Janeiro, Pernambuco, tem... Que também tem elementos bastante fortes, eu acredito que tanto o masculino como o feminino estão muito bem representados, com altos e baixos como toda competição. Em uma época a gente está com melhor qualidade de jogador, outra um pouco menor, às vezes, os mais velhos também já estão desistindo, quer dizer, isso também interfere nos resultados, mas no ponto de vista nível internacional o Brasil está muito bem.

J. K. – E como o senhor vê o papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol no cenário do Handebol Feminino?

F. N. – Bem, eu não quero falar nada que não seja verdade, eu não tenho ideia do que faz a Federação de Handebol com relação ao Handebol Feminino. Pelo menos em termos de divulgação... Que eu leio jornal! E meio de divulgação eu não vejo uma... Vamos dizer assim, uma constante inserção nos jornais de informações de torneios e campeonatos. O Handebol Masculino ele praticamente, com ou sem apoio financeiro, ele caminha. O feminino precisa de mais apoio realmente, mas eu não tenho ideia desse trabalho. Não poderia estar fazendo um comentário que pudesse ser prejudicial à Federação, pelo contrário, eu acho que a gente deve somar, deve ter suas limitações, mas como eu digo, recurso eles tem, mas se são suficientes eu não sei. Porque todas as Federações recebem recursos, porque as taxas também são bastante altas, em termos de... Para cada [palavra inaudível] e torneios. E como eu não estou dentro, não conheço, meu trabalho foi só criar.
[riso]

¹⁴ Luiz Celso Giacomini.

¹⁵ Pedro Luiz Beno Lang.

S. A. – Até queria perguntar agora, na criação... Quando vocês se juntaram para criar a Federação qual era o objetivo central? O que vocês tinham como uma meta na criação da Federação?

F. N. – A meta era criar a Federação para dar uma organização e expandir o Handebol, essa era a ideia. Agora o trabalho do Benno, o meu trabalho e do professor Sérgio era muito mais do ponto de vista escolar, claro que tinha uns dois, três clubes que deram apoio, mas normalmente quem ia para o clube era o garoto que era do Benno Becker, um garoto que jogava no colégio e a gente levava para participar e não era assim, um trabalho profissional, efetivo da nossa parte. Mas era um trabalho para início. A nossa meta então, era para que realmente começasse, e depois um sangue novo, pessoas com uma ideia diferente que pudessem tocar o Handebol de forma efetiva. E foi o que aconteceu, tinha várias pessoas: o Deputado Kalil Sehbe¹⁶ que foi da Federação e outros colegas nossos aí. Quer dizer, a gente tem que se abnegar não basta apenas ser profissional, a gente tem que se abnegar, tem que tentar dar o melhor e nem sempre se consegue porque tudo custa dinheiro; você quer alugar uma quadra custa dinheiro, você tem que pedir a quadra para o clube que tem, e que ele vá jogar naquele dia, se não o presidente: “Não, não, se ele não for ao meu clube jogar hoje, não tem quadra”. Então, tem uma série de coisas que podem interferir.

J. K. – Logo que vocês criaram a Federação Gaúcha, vocês tinham algum projeto de visibilidade?

F. N. – Vamos partir do seguinte. Quem tinha mais visibilidade era o professor Benno Becker, por duas razões: ele era conhecido porque foi goleiro do Internacional, ele jogou no juvenil do Internacional, e jogou nos titulares, então, era o que tinha mais visibilidade frente à imprensa. O professor Camargo era um professor da ESEF [risos], o Sérgio Becker era um estudante nosso aqui na época e então, assim, a maior visibilidade foi o professor Benno Becker e ele dentro do possível ele fez para desenvolver lá em Novo Hamburgo, lá em São Leopoldo; ele procurou em Caxias do Sul, ele procurou, vamos dizer assim, difundir o Handebol para dar visibilidade. Então, a gente tem que dar [palavra inaudível] o professor Benno Becker era o que tinha maior visibilidade, era o que tinha maior acesso a

diferentes instituições, porque ele foi diretor do IPA, diretor da Feevale¹⁷, ele trabalhou aqui conosco, ele foi professor da Pós-Graduação, quer dizer, ele tem um currículo bastante significativo, então, era o que tinha mais visibilidade nessa área.

S. A. – Eu tenho entrevistado as meninas da UCS¹⁸ da equipe de handebol, tenho tentando estar em contato...

F. N. – Caxias do Sul?

S. A. – É, com o pessoal de Caxias, aqui da Feevale e lendo alguns textos eu vejo que se fala muito do Handebol enquanto esporte escolar, e os clubes pelo menos aqui no Sul, que os clubes que se têm eles normalmente estão ligados a alguma escola, ou alguma Instituição Universitária, tirando acho que Capão da Canoa, que eles tem uma escolinha deles, uma escolinha de prática de Handebol. Na época que o senhor chegou aqui, no desenvolver, isso... O Handebol ele era mais praticado em escola, ou ele surge na escola? Ou ele surge a partir de clubes que disponibiliza a prática?

F. N. – Não, ele surge a partir da escola. Porque naquele período de quinze dias que eu ministrei o curso, eram professores leigos e professores formados. E só para um parecer, esse curso de atualização era anual, os professores... Porque como tinham muitos professores não titulados, eles tinham se que atualizar para se manter no cargo, e eles levaram para as escolas. Então, o berço do handebol no Rio Grande do Sul foi as escolas. E depois, claro, começou a caminhar de forma diferente, porque também a... Nos Jogos Universitários que havia aqui no Rio Grande do Sul havia o esporte Handebol, mas na época era assim, muito mais masculino do que feminino; tinha feminino, mas muito mais masculino do que feminino. E tinha outro detalhe: Quem e que apitava os jogos? Nós não tínhamos curso de árbitro. Então era o professor Camargo, o professor Benno, o professor Pedro Lang, o professor Celso. Nós é que apitávamos os jogos, eu deixei a equipe da ESEF muitas vezes sozinha no banco e ia apitar o jogo da ESEF contra Santa Maria. E era um problema [riso], era um problema, porque não podia ir instruir os jogadores porque se não era falta de árbitro. Mas foi todo um bom começo, acho que isso foi válido, porque a gente

¹⁶ Kalil Sehbe Neto.

¹⁷ Federação de Estabelecimento de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

pode mostrar a seriedade de todos esses professores que trabalharam como treinadores e como árbitros, a preocupação desses profissionais em desenvolver dentro de suas instituições o Handebol e também fora. Enfim, eu posso dizer assim, eu estou satisfeito por esse empurrão inicial que eu dei, que eu vi fortificar e graças aos colegas que... Vamos dizer assim, não digo vestiram a camiseta, mas entenderam que se derem mais um esporte importante para a gurizada e talvez, então, para a Seleção Brasileira.

J. K. – O senhor falou que o Handebol teve maior foco nas escolas?

F. N. – Sim!

J. K. – O senhor sabe me dizer quais foram às primeiras escolas que iniciaram a prática do Handebol?

F. N. – Talvez eu não consiga nomear todas elas, porque são inúmeras, algumas de Santa Maria eu não sei que... Mas, por exemplo, eu vou dizer só uma, a que o professor Benno Becker trabalhava. Era aqui em Portão e ele organizava os campeonatos e nós íamos para as escolas públicas lá da região. Porque o problema também era o transporte, porque você sair de Porto Alegre e pegar aqui até Portão, estrada de mão única, de *mão única*, então, não era assim duas vias, era mão única para jogar. Então a gente passava o dia lá em Portão em uma escola, não me recordo agora o nome, mas se vocês quiserem convidem o professor Benno Becker, que eu acho que ele pode, ele vai se lembrar melhor disso. Mas, realmente lá em Sapucaia... Lá em Portão ele desenvolveu o trabalho, fazia torneios e a gente participava. Em Guaíba tinha o Colégio Estadual, eu não sei o nome do Colégio, mas eu sei que é um Colégio Estadual e tinha equipes e participava de atividades; cheguei em Cachoeira do Sul, tem um Colégio Estadual grande lá que também participava de atividades de Handebol. Porque - outros parênteses - eu fui o responsável pela Escola de Cachoeira do Sul, por um braço daqui da ESEF, Cachoeira do Sul e Santa Cruz eram... Teve uma legislação aí que permitia criar Instituições de Ensino Superior, em outras localidades, então, a ESEF criou em Cachoeira do Sul e Santa Cruz; em Santa Cruz ficou um o professor Sofia¹⁹ que também nosso professor aqui de Administração, e eu fui

¹⁸ Universidade de Caxias do Sul.

¹⁹ Nome sujeito a confirmação.

também cuidar lá de Cachoeira do ponto de vista funcionamento, e mais do currículo semelhante, aquelas coisas todas. Então praticamente eu sou fundador daquela outra escola. [riso]

J. K. – Sim! Nesses campeonatos que vocês participavam, como que era a presença do público? Tinha bastante público? As pessoas participavam?

F. N. – Dos colégios era a gurizada que participava e os pais que iam acompanhar. Como são hoje no Futsal, disputado pelas crianças do colégio, os pais é que são a torcida maior. Mas não havia assim, um público externo grande, havia aquele que estava ligado ao objetivo do jogo. Mas mesmo assim, havia muito entusiasmo porque havia outra coisa interessante, como era um esporte novo e os pais às vezes desconheciam, porque nunca tiveram a oportunidade de jogar, acho que o máximo que era parecido era o caçador [risos]. Então eles não tinham muito o quê opinar sobre o que os seus filhos estavam jogando, e só tinham que aplaudir. Acho que é por isso que handebol cresceu um pouco, porque os pais perceberam que a modalidade realmente era positiva no ponto de desenvolvimento disciplinar. Por exemplo, aquela regrinha simples, *simples*, atitude anti desportiva punida com dois minutos fora, quer dizer, isso chama a atenção, porque hoje em dia está um pouco meio livre algumas coisas por aí, e no Handebol tinha... E *na época* era o único esporte que punia o jogador com dois minutos fora, do ponto de vista educacional excelente, por quê? Dois minutos fora esfria a cabeça, o professor pode conversar com o aluno: “Te acalma!” Enfim, seria uma forma de contribuir positivamente com a educação, para que a criança pudesse saber que em alguns momentos ele está irritado, porque ele errou uma jogada, ou porque foi empurrado pelo adversário e ele tem que se manter estável.

S. A. – Porque tu não vês em jogos de handebol, atitudes muito violentas...

F. N. – Não!

S. A. – Que nem conversando assim, leigos: “Porque é um esporte muito violento”, e conversando com as atletas, as atletas dizem: “É um esporte...”. Claro que tem!

F. N. – Tem, tem...

S. A. – Tem as batidas e tal. Mas, elas dizem Que é o esporte menos violento porque as próprias regras fazem com que ele bem jogado, ele é extremamente rápido, mas não é violento.

F. N. – É que às vezes uma infiltração, ou até às vezes ele vai se atirar para dentro da área e é bloqueado, mas tem a penalidade para ser cobrada, e tem exatamente essa regra que diz: “Se ele travou o braço, fica fora”. Quer dizer, então, ajuda bastante. E outra coisa interessante é a entrada e saída de jogadores que é outra coisa assim, importantíssima, porque permite que todos participem de forma mais efetiva. E só para lembrar de épocas passadas: tinha um professor que já tinha combinado... Como não tinha aquele negócio de sair pelo centro ou por aquela zona de saída, o treinador dizia assim: “Quando o goleiro pegar a bola vocês saem pelo fundo da quadra e você entra lá na área” [risos]

S. A. – Nossa! Lá na frente do gol.

F. N. – Lá na frente do gol, e o goleiro [palavra inaudível] então tinha tudo isso, ia se descobrindo coisas, e eu acho importante isso, porque foi desenvolvendo... Vamos levar isso para o passado, não tinha zona demarcada, as áreas eram limitadas ou com giz ou riscado no chão de terra, quer dizer, então se podia fazer algumas coisas. Então os professores mais inteligentes, mais espertos que queriam ganhar faziam isso com os seus alunos. “Quando o goleiro pegar a bola lá, saí e o outro entra na frente”, está dentro da regra. [riso]

S. A. – Não tem sete, nem mais jogadores do que deveria ter dentro de quadra, está certo.

F. N. – Está certo! Pode falhar na hora de entrar e sair, mas o resto está tudo certinho. E outra coisa importante é... Isso aconteceu comigo apitando um jogo, um jogo universitário, lá em Santa Cruz: os *últimos segundos*, o meu time estava perdendo, últimos segundos, quando a mesa apitou, o cara estava subindo lançar, naquela época *pára tudo*, pára. E enfrentar aqueles caras desse tamanho contra mim [risos], mas o que se ia fazer? Bom mas é assim, eu tenho bastante história para contar para vocês...

J. K. – O senhor também falou que o Handebol iniciou mais como Handebol masculino, e o Handebol feminino ele iniciou mais ou menos em que período?

F. N. – Eu posso dizer em primeiro lugar com o Handebol de campo...

J. K. – Sim! Isso é outra coisa que eu iria perguntar para o senhor. [riso]

F. N. – Entre masculino e feminino, em São Paulo eu só trabalhei com o masculino que era a Seleção, não tive a oportunidade de trabalhar com outros clubes lá. E aqui no Sul a gente procurou desenvolver junto, não houve uma predominância... A predominância masculina se deu pela facilidade dos garotos saírem de casa, ir jogar, ir treinar, que naquela época não tinha tanta liberdade. Então uma guria de doze ou treze anos para sair de casa e ir até um clube havia uma preocupação muito grande, mas assim, em função dessa flexibilidade de movimentação dos guris que o handebol teve mais desenvolvimento, mas as meninas também trabalharam, na nossa época era mais ou menos muito próximo um do outro. Não posso dizer assim, primeiro os rapazes e depois as meninas.

J. K. – Sim! E aqui no Rio Grande do Sul, chegou a ser jogado o handebol de campo ou não?

F. N. – Que eu tenha conhecimento não.

S. A. – Já veio o de quadra?

F. N. – É aqui nós introduzimos de quadra...

S. A. – Sim!

F. N. – Quer que eu conte a historinha do começo?

J. K. – Pode ser... [riso]

F. N. – Então, naquele curso que eu vim dar, nós os professores estávamos reunidos no Instituto de Educação Flores da Cunha, e o ginásio de esporte deles... Não sei se vocês conhecem?

J. K. – Não!

F. N. – Bom, o ginásio de esportes deles era, vamos colocar assim... Estou tentando achar uma sala que seja parecida, mas vamos pegar o nosso ginásio aqui. Peguem o ginásio e dividam por oito partes, uma das partes seria o ginásio lá. Bom eu tive que dar... Bom, não tinha goleira, a nossa goleira foi usado o plinton...

J. K. – O plinton!

F. N. – O plinton e era aqueles caixotes diferentes, o plinton, e fico sendo a goleira de um lado e a goleira de outro. Não tinha corda para marcar, então, mais ou menos eu medi seis metros cada passo, e botamos ali com giz, porque lá é com piso de madeira. E a bola de Handebol... Eu levei uma bola de Handebol, mas era uma bola normal, não era uma bola feminina, nem masculina, e lá tinha mulheres e homens. A vestimenta deles para jogar era uma vestimenta de passeio como vocês estão, e não usava muita calça jeans, eles usavam muito saia, e calça comprida mais ou menos folgada. O rapazes, alguns estavam de abrigo. Então foi assim que eu iniciei o Handebol dentro do Instituto para o pessoal fora, os professores. E tiveram que aprender mais ou menos os três segundos com a bola, não caminhar com a bola, não invadir a área, quer dizer, e a goleira não tinha nada de goleira. Então, são coisas assim do passado, que tem que valorizar, porque não tinha se improvisou, e se mostrou que poderia fazer melhor.

J. K. – E quando o senhor introduziu o Handebol no Instituto as aulas eram mistas, masculino e feminino, ou eram separadas?

F. N. – Só um pouquinho, eu não introduzi no Instituto...

J. K. – Sim, começou a aula...

F. N. – A aula era assim, eram quatrocentos professores...

S. A. – Nossa!

F. N. – Quatrocentos professores, então, nós fomos para o ginásio, metade ficou lá, outra metade ficou mais lá atrás, e eu ficou com um pouquinho de gente li, uns doze ou quatorze alunos ali, que eram rapazes e moços. No início foram os rapazes, depois comecei convidando as moças para participar, então, têm algumas histórias daquele momento, que se a gente começar a olhar vão pensar: “mas, isso está ridículo”. Não! É o que se podia fazer eu não ia mandar elas trocarem de roupas, talvez elas nem tivessem trazido roupas. Foi assim, houve muita improvisação, porque como era reciclagem de professor, pode se dizer assim, ou atualização, não houve assim, acho que uma exigência que viesse com uniforme de Educação Física. Então, como eu digo, os homens que já estão mais acostumados para essas coisas aí, eles vieram mais arrumados, mas não foi nada assim definido: “Tem que vir!” A gente pediu: “Na próxima aula...” Porque, eu tinha que dar mais coisas para eles. “Na próxima aula vocês venham com uma roupa adequada”. Daí já vieram, mas mesmo assim, a maioria não. Eu tinha irmãs, eu tinha padres, eu tinha seminaristas fazendo o curso, os colégios particulares mandaram, eles eram obrigados a mandar, porque eles não eram formados em Educação Física. Então tinha de tudo, quer dizer, era um paraíso de diversidade, era muito bonito isso, porque realmente a gente via que realmente estavam interessados em aprender, pelo menos eu me sentia assim...

J. K. – Sim!

F. N. – E depois, eu tinha na época vinte e três anos de idade, recém formado...

J. K. – Novinho!

F. N. – Bem novinho [riso], estava começando a vida. Então, é isso aí que eu posso dizer em relação à participação masculina e feminina. Não quer dizer que eu só dei atenção aos rapazes, não! Se deu atenção a todos, mas os rapazes estavam mais disponíveis para fazer.

J. K. – Claro! O senhor teria mais alguma coisa que gostaria de compartilhar?

F. N. – Vocês podem me perguntar se for sobre a Escola eu sei dizer tudo [riso]. Não, eu acho o seguinte que a gente pode colocar assim:, toda a disciplina nova encontra resistência, como eu disse no início. Aqui na ESEF não foi diferente, teve algumas resistências, mas mesmo assim, foi se desenvolvendo, foi criando espaço, outros colegas assumiram, fizeram o curso de atualização, porque a gente fazia anualmente esses cursos que o CREF²⁰ promove, que a APEF²¹ promove. Eventos onde tinha atualização em Handebol, tinha atualização em Futebol, Voleibol, Basquete, Ginástica e ao mesmo tempo eu tive a oportunidade de fazer com muitos professores cursos importantíssimos. Com professor argentino, com professor francês, com professor alemão, quer dizer, foi muito rico e muitos dos meus colegas também fizeram. E de Handebol também fizeram aulas de Handebol, eu me lembro que fizeram em Santos. E não era cursinho, como é que se diz? Que você vai à hora que você quer, não! Tinha até prova para fazer. Para saber se você teria aproveitamento, eu tenho certificado com nota, acho que eu tirei oito [riso].

S. A. – Era sério o negócio.

F. N. – É! Quer outra historinha? Quando nós levamos aquela gurizada para Brasília os árbitros eram de São Paulo e daí naquela oportunidade para que houvesse assim, vivência. Pediram para que um do Rio Grande do Sul fosse apitar, sabe se eu apitei? A única vez que eu apitei, eu apitei errado [risos]. Claro, o outro árbitro com uma baita experiência, eu já conhecia ele de São Paulo, mas uma baita experiência de apitar jogos nos clubes lá, ele apitava *tudo*. E eu não conseguia apitar, quando eu pensava em apitar, ele já tinha apitado. E a única vez que eu apitei, eu apitei errado [riso]. Até o próprio jogador que era do Rio Grande do Sul, disse: “bah professor, a única hora que o senhor apitou, o senhor apitou errado”. E era verdade. Então, veja bem a diferença entre apitar aqui no colégio, apitar... onde você é o professor, e apitar como árbitro de federação. Outra coisa que você pode registrar aí: Eu fui membro da Federação Paulista Universitária e eu fui o responsável pelo setor de Handebol da Federação, então, eu acompanhei muitos jogos Universitários, que já era quente, como se diz, o potencial era grande, porque a gente pensava... Mas, como é que funcionava? Funcionava muito bem, porque a Federação funcionava bem, tinha árbitros

²⁰ Conselho Regional de Educação Física.

²¹ Associação de Professores de Educação Física.

preparados para isso, tinha vários clubes universitários participando, além, dos clubes sociais, então, realmente era forte. Os Universitários... Então tinha alunos de Direito, Engenharia, Medicina, Educação Física... O nome da minha escola era Rui Barbosa, o Centro Acadêmico Rui Barbosa. Nós participávamos, eu às vezes até quando não tinha que apitar ou controlar o jogo, eu jogava. Um pouco no gol um pouco na linha, dizem que quem joga no gol, é louco [risos]. Mas é isso aí, não sei se vocês querem saber mais alguma coisa.

S. A. – Não, acho que era isso. A gente agradece em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]